

### Outras Pautas

Dr. João Fernando de Moraes Tróis<sup>1</sup>

Mariza Lacerda Gomes<sup>2</sup>



*Neste ensaio apresento o caso clínico "Angel" como trabalho final do Estágio Profissionalizante III, desenvolvido no Contemporâneo, Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade, de Porto Alegre, durante o ano de 2013. O estágio teve a supervisão acadêmica do professor Dr. João Fernando Tróis do Centro Universitário Metodista do IPA.*

#### **Primeiro Acorde: Doce melodia**

Vou falar a partir da minha prática de estágio que me leva a pensar minhas implicações nesse espaço. Os locais de estágio oportunizam, através dos seus cotidianos institucionais, em suas práticas, nos inserir no campo do fazer profissional. Seus fazeres nos ensinam o quanto vamos incorporar, de forma sensível, seus enunciados. Nossas relações nesses espaços de estágio estão atravessadas por diferentes agenciamentos institucionais, nos quais nos deparamos com diferentes abordagens e limites da profissão.

Meu enfoque não é especificamente epistemológico, no sentido de ordenar, classificar e distinguir conceitos (Milner. 1987). Sigo o viés da forma ensaio, propondo uma produção escrita de caráter mais lúdico. Não pretendo desvendar verdades nem construí-las. Escrevo pensando metaforicamente na construção de desenhos de possibilidades das nossas escutas. Posições produzidas na cena clínica – olhar, escutar, ler, escrever – como a de um terceiro incluído/excluído diante de uma sinfonia.

---

<sup>1</sup> Orientador Acadêmico – Drº João Fernando de Moraes Tróis, Professor do Centro Universitário Metodista IPA.

<sup>2</sup> Orientanda acadêmica de estágio profissional de Psicologia do Centro Universitário Metodista IPA no Instituto Contemporâneo de Psicanálise.

### Tom<sup>3</sup>.

Apresento o caso clínico "Angel" para pensar alguns conceitos da clínica a partir da música enquanto uma metáfora teórica. A escrita e a escuta implicam lugares e posições, vivenciados na cena clínica, que podem ser pensados através do recurso ao valor metafórico da música.

Neste sentido, o caso foi pensado como uma pauta musical, onde as linhas de um texto vão ser inscritas, compondo lugares para inscrição da experiência, que se constituem de acordo as relações que estabelecemos em seus (des)encontros ao longo da vida. Como uma música a ser grafada ao ser deduzida em sua escuta. O que se escuta da paciente ao falar, e o que se deduz desta escuta, produz sua chave de leitura "musical". Conhece-se a escrita musical quando "se escuta" a clave que possa grafá-la.

Fazer um paralelo entre a escuta da música e o caso implica sempre uma leitura onde se deduz os lugares<sup>4</sup> e posições subjetivas que aquele que está falando ocupa e não percebe, simplesmente faz. Essa escuta está ligada aos sons e aos sentidos das palavras, que permitem deduzir os lugares nos quais o sujeito vem se alojar. Pulsação, "tempos" de envolvimento, espaços entre sensações e distanciamentos. Notas que criam músicas, como palavras à linguagem. Significantes e significados dotados de densidade emocional. Entonações, escanções. Passagens do nível da palavra ao domínio da frase.

Quando nos disponibilizamos escutar uma música ou um caso, abrimos espaços para sensações sonoras diferenciadas: onde vamos ter repetições, variações, silêncios, sons, tonalidades, acordes, graves, agudos, melodias, interpretações. É uma canção com letra e música. Porém, fazer essa escuta aberta, possibilita uma re-inscrição em outra pauta, na qual acontecem movimentos que permitem passar para outra chave de leitura, transpondo assim a partitura para outras melodias.

Embora as regras gerais para a escrita de partituras musicais sejam praticamente as

---

3 Tom: Escala dominante de uma peça de música. Uma composição em determinado tom pode, em seu transcurso, mudar para outro tom por modulação. Cf. Dicionário de Música. RJ, Zahar, p. 384, 1985.

<sup>4</sup> Assim como na relação transferencial se permutam os lugares de quem fala e de quem escuta.

## Ensaio

mesmas para todos os instrumentos, cada instrumento possui especificidades que implicam em recursos diferenciados de escrita<sup>5</sup>.

### Primeira Pauta<sup>6</sup>

"Angel", 21 anos, 7 irmãos, "paciente especial<sup>7</sup>", encaminhamento do projeto social "Vira Vida". Em diferentes tempos e contextos históricos a palavra "especial" vem produzindo diferentes significados. Significados que muitas vezes cristalizam seus significantes.

Pensando o "especial" na perspectiva de novas pautas, nos aproximamos da ideia de intervalos dentro da escala musical. Na música, esses intervalos da escala musical *"são uma classificação numérica para identificar a distância ou a relação entre duas notas musicais"* (PEMCPII)<sup>8</sup>. No caso da nossa clínica, identificar a produção da diferença, indicando o que o significado das palavras deve a posição do sujeito que as enuncia na linguagem. Neste sentido, podemos pensar os 'intervalos' como lugar para expressão dos conteúdos psíquicos que emergem. Nesses intervalos pode-se deduzir o que ficou em aberto na história do paciente, os vazios que ficaram e a possibilidade de sua ressignificação em outras músicas, na produção de um Eu criativo.

Desta forma, o significante "especial" pode produzir diferentes significações dependendo da nossa escuta, do contexto de seu enunciado, de quem enuncia e sua enunciação. Cada um poderá dar um significado conforme a escuta que faz, possibilitando ou não o movimento de re-inscrição. Assim como na escrita musical, trocar de pautas, possibilita constituir outro ritmo, colocar-se a partir de outra pauta vai ter outro sentido, e assim,

---

<sup>5</sup> O Tempo na música não se limita à definição de um ritmo e um andamento. É possível ter uma melodia muito rápida dentro de um andamento muito lento ou, ao contrário, uma melodia muito lenta dentro de um andamento muito rápido. A sensação de velocidade e de passagem do tempo quando ouvimos uma música é muito subjetiva. Aprender a ler e escrever uma partitura e conseguir abstrair deste registro escrito, uma interpretação musical consistente, que não se limita a uma simples reprodução de notas, pois inclui aquelas questões que atribuem sentido e emoção a uma interpretação musical (Philippe Lobo).

<sup>6</sup> Jogando com o equívoco de "pauta" que também se refere ao conjunto de assuntos de uma edição de jornal. Como se sabe, uma primeira edição pode vir a ser reeditada de outra forma.

<sup>7</sup> De acordo com a instituição de estágio, os pacientes especiais são crianças ou adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade, ou sofreram abuso sexual ou são abrigados em instituições sociais do Estado.

<sup>8</sup> PORTAL DE EDUCAÇÃO MUSICAL DO COLÉGIO PEDRO II ( PEMCPII)

## Ensaio

metaforicamente vamos (des)escrevendo a música, assumindo a forma do falar/tocar enunciar.

Existem muitas possibilidades que prescrevem a categoria de "especial", que trás em si vários significados, vindo a produzir diferentes significações dependendo de seu contexto e de sua forma de escuta e de enunciação. Os "casos especiais" produzem um campo de relações e intervenções associadas à definição de um lugar para essa demanda, que mantém uma inseparabilidade dos processos que formalmente a legitimam.

No campo da assistência social, a denotação da palavra especial, está presente no ECA (Estatuto da Criança e Adolescente - Lei 8069 de 13 de julho de 1990), que fala do asseguração do direito de "Proteção Especial", contra forma de violência em várias modalidades: a infância pobre, a infância explorada, a infância torturada, a infância fracassada" (Azevedo, & Guerra, 2000). Isto é, fala de categorias que compõem situação de risco pessoal e social por omissão ou transgressão da família, da sociedade e do Estado. Suponho a partir daqui, que a palavra "especial" guarda uma importância de fatores de exposição e descrição que transforma um corpo facilmente identificado tanto num determinado lugar como nas suas complexidades.

Embora a preocupação do cuidado esteja presente nessas intervenções, temos que estar atentos ao fato de que elas podem limitar e direcionar nossa escuta para algo que já está dado. A psicanálise contemporânea trabalha com a ideia do efeito de presença, do aqui e agora e daquilo que se produz no par analítico. A proposta atual, mais fluída, assemelha-se a melodia de uma música.

Para Philippe Lobo:

A leitura musical fluente é uma habilidade que se desenvolve com o tempo, da mesma forma que a leitura da nossa linguagem verbal. Primeiro é preciso que tenhamos a experiência sonora da linguagem para, a partir dela, desenvolvermos os processos de representação e leitura. Por isso é uma matéria que exige paciência e continuidade nos estudos. Quanto mais se lê, mais fácil fica a leitura. Quanto mais experiências musicais acumulamos, mais recursos temos para desenvolver a capacidade de leitura e escrita. Aqui também, a vivência musical é decisiva. (Lobo, *sn, sd*)

Assim, para entender minha paciente, precisei me deslocar do que estava posto e me implicar numa perspectiva de entrelaçamentos de habitar os lugares de não-lugares, da invisibilidade, para buscar outros lugares que estão fora de uma ordenação, de uma

## Ensaio

localização. Essa desterritorialização envolve permitir/facilitar a emergência de novas formas e possibilidades de pensarmos nossa prática e a produção de subjetividades nela envolvida.

### *Segunda Pauta*

Recebi Angel em junho. Jovem, miúda, com jeito de assustada ou desconfiada. **Sentada na minha frente**, ficou, assim, parada, como se nada tivesse a dizer, esvaziada no seu olhar triste. Num sentimento de não existência. Angel provém de um ambiente não facilitador, de um mundo dos desvalidos, dos quais questões complexas emergem da perda dos vínculos sociais e afetivos. Apresenta um desamparo primordial, falhas muito primitivas do ambiente, marcada pela ausência de uma experiência básica de existência, que afetaram suas possibilidades de se constituir e sentir-se no mundo-da-vida. *"Não tive infância, fui morar com a minha irmã, catava lixo, vendia bala, não tinha tempo para brincar, ficava na rua ou trabalhava na casa da minha irmã" (sic.)*

Por momentos me senti impotente. Senti dúvidas sobre em que poderia ajudá-la, pois algo nela me parecia escapar de imediato Angel precisava de um *holding*<sup>9</sup>, um continente, uma sustentação afetiva, um lugar adaptado às suas necessidades. Um encontro, uma atitude receptiva para suas angústias. Um efeito de presença, um campo de acolhimento.

Angel tem dificuldade de dicção, sua fala parece não querer sair, ou minha escuta, sim, precisa ser diferente! O tom das palavras produz efeitos mais variados e mais inesperados, a forma de pronunciar lhe confere um valor, um ritmo, uma velocidade. Ela confunde-se quando diz sua idade: diz ter 19 e logo desdiz que tem 21, "acho que tou querendo ser menos" diz Angel (tive a sensação que sim). Angel, nome de música<sup>10</sup>, me parece estar sem suas notas, sem melodia, talvez destoantes em (de)composição. A escuta implica sempre uma leitura, se é levado pelos sons e também pelos sentidos. Dessa escuta se deduz lugares, posições subjetivas que aquele que está falando ocupa e não percebe.

Parece que em sua vida falta tudo. Angel, na sua pouca idade, carrega algumas dores

---

<sup>9</sup> *Holding* – capacidade de reconhecer o que o outro está demandando. Segundo Winnicott, o *holding* feito pela mãe é o fator que decide a passagem do estado de não-integração, que caracteriza o recém-nascido, para a integração posterior. Fornece ao indivíduo a confiança na realidade e nos contatos humanos.

<sup>10</sup> Referência a música de Chico Buarque de Holanda " Angélica".

## Ensaio

do mundo. Mora numa casa alugada onde tudo é emprestado. Disputa seus irmãos com o tráfico, se expõe embaixo de um viaduto pelo sentimento de proteção a um deles, busca o direito de tutelá-los. Angelicamente diz que quer poder cuidar, fazer comidinhas e lavar suas roupas, gastar sua poupança presenteando-os. Sente culpa por não conseguir e nem fazer tudo, sabe que a morte de um é anunciada. Pode-se pensar que a falência das proteções sociais devolve ao sujeito a responsabilidade de produzir por si mesmo tais proteções. Angel toma tudo para si, não consegue se diferenciar, tem um apego simbiótico, uma ambivalência.

Teve uma infância difícil. Perdeu seu pai quando tinha 14 anos, não sabe bem do que ele morreu, quando soube já fazia uma semana, os parentes não contaram. Seus olhos enchem de lágrimas quando fala da morte de sua mãe, há três anos; conta emocionada que numa noite anterior tinha ido ao hospital e tentou falar com ela, mas ela não respondeu; foi trabalhar e não conseguiu voltar na outra noite por motivo de horário do serviço. Angel chora. Empatizo com Angel e dou um tempo a sua tristeza, perguntando o que ficou por dizer? Ela responde: queria pedir que ela não fosse, ficaria sozinha sem ter quem me acolher. Para isso o efeito de presença dá a possibilidade para olhar outras coisas que não se tem acesso. Angel traduz seu desamparo. Narrar a linguagem em ato, dar uma melodia, uma outra entonação aos signos, pensar o que não foi pensado, um contato, uma comunicação, uma afetação. Porém, o desamparo de Angel parece perpassar todas as instâncias de vida. Mesmo assim, Angel quer amparar no seu desamparo, dar o que não tem. Falou do curso de EJA que faz com dificuldade, teve que parar por um tempo e depois rodou em matemática, física, história e biologia, disciplinas das quais processam o curso da vida, na soma, na eletricidade, no pertencimento, na existência.

A vida parece não querer se apresentar a Angel. Assim como muitas vezes ela não comparece à sessão, me deixando na espera ou chegando nos minutos finais. No entanto não percebo como uma resistência pois Angel resiste. Resiste, como polo ativo da subjetividade, potente capaz de fazer outras coisas. Resiste às dificuldades de conseguir serviço, pois não sabe como se apresentar, não sabe dizer nem o que gosta nem o que não gosta. Sente-se constrangida de ser entrevistada por homens, fica sem saber o que dizer. Estaria ela reagindo às falhas da adaptação<sup>11</sup>? Desenvolvendo um padrão das falhas?

---

<sup>11</sup> Falhas de adaptação, quando o ambiente falha na sua tarefa de adaptar-se ele é automaticamente registrado de forma de uma intrusão, interrompendo a continuidade do ser[...]. Winnicott, 2000 p. 395.

## Ensaio

Também não se sente bem no projeto, ficam lhe dizendo coisas, olham de um jeito que não gosta e fazem muitas fofocas, um *bullying* permanente. Angel apostou nesse projeto de futuro e vive a impossibilidade de esconder-se das suas reações agressivas. A agressividade é parte da nossa vitalidade, onde pode ser integrada à história e à cultura pela via da criatividade. Tudo se mistura nas adversidades dos afetos, da família, dos amigos, do trabalho.

Um dia pedi para Angel falar um pouco de si, ficou silenciosa por algum tempo e ensaiou "**Eu ...**" e silenciou por mais um tempo ..., na minha infância convivi com meu pai até aos 8 anos, depois se separaram, fui morar com minha irmã, e depois com uma amiga. Quero encontrar serviço e voltar a morar na zona norte perto do meu irmão... Em Angel o vazio não é o desespero da falta de alguma coisa, o vazio é o que nem sequer foi experimentado. Que não foi simbolizado, não está ligado à experiência, ou a uma palavra. É pré-significado é a falta do sentido da experiência.

Também fiquei a pensar? Que **território existencial** foi esse em que o morar são eventos descontínuos? Se a continuidade é o que vem dar sentido e identidade ao sujeito, essa continuidade não estabeleceu na sua história. Os territórios existenciais agenciam mudanças na subjetividade e definem sua forma de significar e interagir com o mundo.

No último encontro, Angel me conta da possibilidade de ir a Brasília pelo projeto Vira Vida para receber um prêmio de uma atividade de dança que participou. Fico entusiasmada, por fim Angel me trouxe sinal de uma música, da sua participação numa performance de dança de rua. Diz que tem o corpo duro, mas que a dança serve para se desestressar. Percebo uma nota a surgir melodiosamente numa menina negra precisando de **outras pautas** musicais. Assim faço o anagrama da palavra brincar que transforma em "cair", "criar", convocando uma aproximação da dança e da música ao gesto criador criativo, abrindo brechas para a simbolização, de dar sentido a experiência da cri(ação) a uma continuidade do ser. No brincar, a criança cria um mundo que lhe é próprio e povoa-o com as invenções de sua imaginação. Um espaço transicional<sup>12</sup>, permitindo a espontaneidade e a criatividade, ligado a processos

---

<sup>12</sup> Espaço Transicional - transicional indica que essa atitude da criança ocupa um lugar intermediário entre as realidades externa e interna, numa tentativa de amortecer o choque provocado pela conscientização da tensão

## Ensaio

internos da vida e ao ambiente onde o sujeito se insere, restituindo assim, uma das dimensões renegadas de si mesmo, se aproximando do reconhecimento de Ser e Ter um Corpo.

Voltando de Brasília, Angel, conta que no sábado ficou triste, pois não tinha créditos em seu celular para ligar e saber de seus irmãos saiu então a caminhar, para se distrair e comprou um objeto, que achou bonito, lembrando-se de mim, porém, não sabe o que significa, mas que trouxe mesmo assim. Retira de sua bolsa e coloca em cima da mesa, uma pequena estatueta, perguntando se sei o que significa? Fico surpresa pelo presente e contente de ter estado junto nesta viagem com Angel, respondo: Sim, esta estatueta significa a Justiça. Talvez seja essa palavra nesse objeto na vida de Angel que captura o olhar.

Angel me retira de um lugar que achava tão certo, por instantes tive dúvidas em que mesmo poderia ajudá-la, sua história levou-me a ampliar minha visão sobre processos possíveis; o trabalho com Angel me levou a movimentos incertos, a intervir em territórios não habitados, retirando-me daquilo que me parecia seguro. Grey Costa, (2010) discute que a clínica contemporânea relacionada a novos paradigmas, amplia o campo da psicanálise para tensões em que os sujeitos se apresentam ainda carentes de inscrição psíquica, de subjetividade e registros simbólicos (Costa G., 2010, p. 23).

Na música, vários sistemas de leitura e escrita são utilizados para representar graficamente uma obra musical, assim como no nosso campo de saber existem diferentes entendimentos do fazer nossa prática. No trabalho com os neuróticos, a psicanálise "propõem" entre outras coisas, que ajudemos o paciente a revisitar seu passado no presente; já com Angel isso não foi possível devido a falhas ambientais e a ausência de sentido da experiência. Desta forma, foi necessário um longo período de acolhimento para construção de um vínculo de confiança, capaz de criar, no presente, aquilo que ficou em aberto no seu passado.

Para alguns pensadores, abordar nossas experiências na clínica psicanalítica na contemporaneidade com pacientes muito primitivos requer sustentar a importância do amor do outro nos primórdios do processo de subjetivação, pois só a experiência pré-subjetiva do eu/não-eu, sustentada pela experiência primária constitui uma alteridade e uma experiência de

---

entre ambos os aspectos de sua vida. É chamado de espaço transicional, que persiste ao longo de toda a vida, sendo ocupado por atividades lúdicas e criativas diversificadas através das quais o ser humano busca aliviar a permanente tensão.



## Ensaio

existir. Escrever uma música, também precisa de uma estética que conduza o caos organizado. O trabalho com Angel não se encerra aqui, ele inicia com possibilidades de novas pautas.

## Referências

Azevedo, M. A. & Guerra, V. N. A. de (org.). (2010). *Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento*. 3. ed. São Paulo, Cortez.

BRASIL. LEI no 8.069/ 90. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <<http://www.resrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91764/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-lei-8069-90>> Acesso em: 13 abr 2014.

Costa, G., (2010). *A Clínica psicanalítica das psicopatologias contemporâneas*. Porto Alegre, Artmed.

Costa, Jurandir F.(2003). *Violência e Psicanálise*. 3 ed. Rio de Janeiro Graal.

Freud, S.(1976) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. "Sobre as teorias sexuais das crianças", v.IX, p.211-228

Isaacs, A. & Martin, E.(1985). *Dicionário de música*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 384.

Lobo, P.(sd) *Como Ler e Escrever Partituras–II*. Disponível em: <[http://www.cifraclub.com.br/contrib/tutoriais/apostila\\_partituras\\_II.pdf](http://www.cifraclub.com.br/contrib/tutoriais/apostila_partituras_II.pdf), Acesso 15 outubro 2013. > Acesso em: 13 abr 2014.

Milner, J-C. (1987). *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mizrahi, B. G. (2010). *A Vida Criativa de Winnicott: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Garamond.

Peixoto Jr C.A & Balint, M. (2013). *A Originalidade de uma Trajetória Psicanalítica*. Rio de Janeiro: Revinter.

## Ensaio

*Portal de educação musical do colégio pedro II ( PEMCPII).* Disponível em:  
<[www.portaledumusicalcp2.mus.br](http://www.portaledumusicalcp2.mus.br). Acesso 15 outubro 2013.> Acesso em: 13 abr 2014.

Winnicott, D.W.(2010). *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas/ com uma introdução de Masud R. Khan.* Rio de Janeiro: Imago.